

ALFAGUARA

Andrea Bajani

O aniversário



Tradução de Sofia Ribeiro

1.

A última vez que vi a minha mãe, ela acompanhou-me à porta de casa para se despedir de mim. E depois ficou à espera de me ver desaparecer no funil das escadas, antes de a fechar. A minha mãe nunca foi dada a gestos de despedida, sobretudo porque era dominada por uma forma de timidez muito próxima da anulação de si própria. O que, na prática, a impossibilitava de qualquer retórica: de modo algum poderia transformar numa encenação, ainda que temporária, o que ela própria considerava tão marginal. Por esta mesma razão, creio, não se reconhecia no direito de certificar o início ou o fim de coisa nenhuma. Estava atrás do meu pai quando a porta se abria e estava atrás do meu pai quando, no final de cada visita minha, o batente os engolia dentro de casa.

Naquele dia, porém, foi ela quem se despediu de mim por último, sozinha para cá do umbral, no começo das escadas. Mais do que despedir-se, de alguma forma seguiu-me. Com a perspectiva dos anos que passaram desde então, ocorre-me dizer que não lhe foi possível deixar-me ir. É um facto que, enquanto eu recuava até à saída, cobrindo cada passo com palavras fumegantes, a minha mãe avançava com um passo análogo. Vista pelos óculos da escrita, a cena assume a aparência de uma dança, um pé

de homem para trás e um pé de mulher de reforço, mais um passo de filho, outro de mãe, até à saída.

As últimas palavras que ouvi dizer à minha mãe não foram uma declaração, mas uma pergunta. O que, mais uma vez, contrastava terminantemente com uma atitude mais de aceitação do que de solicitação, mais de submissão do que de exigência, mais de prestar contas do que de as pedir aos outros.

— Voltas a visitar-nos? — perguntou ela, avançando para mim enquanto eu saía de casa. Acho que me olhou nos olhos, mas é mais uma suposição do que uma memória nebulosa, já que eu, pelo contrário, não olhei para ela.

A sua pergunta era completamente incongruente, não havia razão nenhuma para a fazer. Com regularidade, cerca de uma vez de quinze em quinze dias, eu fazia setenta quilómetros de carro para passar umas horas com os meus pais, geralmente ao almoço. Depois de comer, a seguir ao café, pegava outra vez no carro e regressava a Turim. Já o fazia há muito tempo, desde que saí de casa, aos vinte anos, com o pretexto habitual da universidade. Quando confrontado com aquela pergunta, eu tinha quarenta e um anos. Quer isto dizer que havia vinte e um anos que eu fazia aquele gesto de ir visitá-los com uma cadência que não podia deixar de parecer uma rotina. Não havia, portanto, razão para questionar o facto de que, depois daquele dia, se repetiria uma e outra vez e para sempre. Além disso, eu era filho e eles as pessoas que me deram a vida, condição suficiente para não alimentarem dúvidas.

Acrescento que não só a pergunta era manifestamente incongruente do ponto de vista do contexto, como eu próprio nunca ma tinha feito, nem formulado qualquer reflexão sobre ela no meu íntimo.

— Voltas a visitar-nos? — perguntou-me.

Nunca houve resposta a esta pergunta. O «claro que sim» que deixei no patamar só foi dito para que algo acontecesse, para que a minha mãe me deixasse e eu pudesse descer as escadas. Não era uma resposta, simplesmente porque aquela pergunta, feita por uma mãe a um filho, não podia ser pronunciada.

Contudo, a minha mãe fê-la, e foi por instinto. Depois de tantos anos a retirar-se, a não existir nem para si nem para os filhos, a limpar, a servir, a obedecer ao marido em casa e na cama, a fazer o pouco ou nada que o meu pai esperava ou exigia dela, terminou com um gesto de mãe. Senti o que já tinha acontecido dentro do filho sem que ele o soubesse.

Faz dez anos que, nesse dia, vi os meus pais pela última vez. Desde então, mudei de número de telefone, de casa, de continente, construí um muro inexpugnável, coloquei um oceano entre nós. Foram os melhores dez anos da minha vida.

2.

Nunca escrevi sobre a minha mãe. Nunca achei que valesse a pena falar dela e, no fundo, nunca o fiz com ninguém. Mesmo na mais íntima das conversas, quando aparecia, era apenas por causa do brilho de uma palavra embutida na frase. A parte do mundo que ocupava era tão insignificante que não pedia audiência. A grandeza familiar era toda para o meu pai, que tinha ocupado o centro do palco e escrito, por assim dizer, a única versão do romance familiar. A de um homem que tinha tudo para colher da vida, o que implicava que estávamos todos a pagar, a arder no fogo juntamente com ele. Por outras palavras, acreditei nele, nunca pensei que falar da minha mãe valesse a pena, porque não havia nada para dizer. A sua vida resumia-se à sua vinda ao mundo. A sua presença lá, no mundo, não era digna de nota.

Ainda hoje só consigo localizá-la de forma opaca nas casas em que vivemos. Ao peneirar as pastas das recordações visuais, a memória encontra pouco. Não há espaço que lhe compita, não há canto do apartamento, sala, cadeira, janela em que me possa concentrar nela completamente. Porém, ela esteve sentada, abriu e fechou as portas, enfiou a roupa suja dentro da máquina de lavar, estendeu-a, vestiu-se e despiu-se, foi dormir. Sei disso porque não pode ser

de outra forma, tem forçosamente de ser assim. Mas não guardo nenhum vestígio disso.

Nem sequer a cozinha, um espaço que lhe era atribuído socialmente, lhe pertence de facto. Sei que era ela que cozinhava, sei que era ela a pôr a mesa, sei que era ela a lavar a louça, mas é-me impossível visualizá-la nesses gestos, ver a sua figura em frente ao fogão, abrir a porta do frigorífico. Pelo contrário, é muito fácil para mim visualizar a ausência do meu pai diante do lava-louça, sei que não lavava a louça, que não cozinhava. Ou, se o fez, foi tão excepcional que se dissipou, na memória, na presença da tendência geral. O certo é que não vejo a minha mãe, que o fazia todos os dias, no seu lugar.

Sei que havia algumas tarefas que ela fazia diariamente, mas nada se tornou um hábito. Para que se crie um hábito, é necessário um corpo que o reclame, e a minha mãe não tinha um corpo, ou melhor, não tinha um independente. Mesmo como corpo, era-o por emanção do meu pai. As tarefas domésticas (ir às compras, cozinhar, limpar, ir buscar à escola) eram os fios que — obedecendo à vontade dele — moviam a figura dela pela casa, ou no espaço que separava a casa do resto.

Do seu corpo retenho apenas pistas verbais e uma perna um pouco mais fina entre o joelho e o maléolo, consequência de uma poliomielite infantil. Causou-lhe um vago coxeio, creio que não evidente aos olhos dos outros. Sempre que eu via a barriga da perna, isso é certo, sentia uma forma de ternura dolorosa. Ela carregava-a com uma espécie de casualidade, entre a inocência e o descuido. Nunca a ouvi falar disso, o seu corpo não era tema de discussão. Era invisível, era o baluarte da sua invisibilidade. Embora substancialmente impercetível, a perna

poliomielítica — se é que se pode chamá-la assim — era a única que violava essa invisibilidade, condenando-a a ser vista. Acho que era isso que me causava dor.

Outra manifestação do corpo da minha mãe é o cheiro inebriante do perfume de uma mulher pela casa, aos sábados à tarde, que era o que ficava no ar depois de ela sair com o meu pai. Devo dizer que saíam para passear, mas a expressão com que a ação está rubricada na minha memória é que o meu pai «a levava a passear». Era assim que ele definia esse tempo passado juntos fora de casa, como se levasse o cão à rua.

Quanto às outras manifestações corporais, houve um período de cólicas noturnas, gemidos, quando não eram gritos a sério, que vinham do quarto dos meus pais. Não me lembro das dores que, mesmo durante o dia, a deverem ter atravessado de lado. Por alguma razão, esses espasmos, uma expressão de dor excruciante, não se tornaram um tópico diurno, nem nunca entraram no discurso familiar. Não afetaram, precisamente, a chamada versão oficial. Ficaram confinados à zona dos sonhos. Só se dava conta deles se ocorressem numa curva mais superficial do ciclo do sono, se eu mudasse de lado na almofada, antes de me afundar de novo.

Tudo terminou com uma operação no hospital, os cálculos renais eliminados e uma hospitalização da qual não há vestígios em mim. Senão uma espécie de paz — agora que escrevo sobre ela, ocupa espaço, espalha-se sobre a folha de papel — e uma luz silenciosa na sala do terceiro ou quarto andar daquele edifício. Desta vez, a minha mãe está, pode dizer-se, no centro da cena, ao cuidado dos médicos e enfermeiros. Cuidam dela conforme esperado na sua condição, a prática habitual de cuidar dos doentes.

Controlo da febre, limpeza da ferida, distribuição de refeições na cama, retirada da bandeja, entrada na noite.

Nesta imagem, um facto se destaca, principalmente. A subtração do poder do meu pai e a entrega — do próprio corpo, da própria pessoa — a uma jurisdição diferente, a do Estado. É ela que tem de assinar papelada, assinar o seu nome para aceitação, confirmar que sabe que risco corre a sua vida. Mais ninguém — nem o marido, em particular — pode certificá-lo em seu lugar, mais ninguém se pode submeter ao bisturi que a cortará para lhe dar alívio.

E depois abandonar-se a essa reclusão, não devendo ocupar-se do almoço ou do jantar, da muda de lençóis. Uma reclusão, portanto, e também uma fortaleza. Mesmo estando sozinha, nesta cena, parece-me relevante, não ser secundária, não ser de forma nenhuma marginal. É a partir desta cena, em que a minha mãe está deitada, com a nuca apoiada na almofada, e com o pessoal pago pelo Estado para a fazer sentir-se melhor, que podemos começar.

Que tenha ou não acontecido agora é irrelevante, é o início do romance.

3.

Não há muitos vestígios de uma vida anterior da minha mãe. Por anterior quero dizer de antes da sua vida conjugal e, portanto, aquela que, pelo menos em parte, me tem como testemunha.

Não considerou importante ter um álbum de fotografias, assumindo que alguma vez teve um. Enquanto a vida do meu pai está amplamente documentada e disposta a construir um destino de vítima, a da minha mãe não chegou até nós. Ou não encontrou um lugar, ou nunca foi partilhada connosco. Ou talvez houvesse álbum — agora que escrevo sobre ele, estou a ver a lombada do volume, enfiado ao lado do do meu pai — mas não havia mitologia ligada à sua vida, à qual as provas fotográficas pudessem ser anexadas. Por isso ali ficou, vida inerte armazenada em cima de uma prateleira.

Eu sei, isso é certo, que a minha mãe teve uma infância. Teve-a e há testemunhas: a segunda de duas filhas de uma secretária e de um operário da construção civil, um prédio popular nos arredores de Roma. Mas é, mais uma vez, uma infância verbal, que aconteceu e de que não valia a pena falar porque não havia nada a dizer sobre o assunto. É perfeitamente coerente com os poucos factos com que se pode sintetizar a vida que aconteceu comigo presente.

Aparece nos álbuns do meu pai, mais uma vez emanação direta dele, a completar o seu retrato. No lugar de trás de uma motorizada, no litoral. É uma fotografia tirada não muito antes do nascimento da minha irmã e não deixa antever nada. No duplo sentido de que não deixa pressagiar um destino de família, nem a desintegração que essa família teria enfrentado. Não há nada que se destaque no seu rosto na motorizada, não há embriaguez nem prazer, nenhuma vertigem nem medo. E não há sedução. Há uma espécie de desapego, como que um esquecimento de se ser verdadeiramente, de estar presente.

Quanto aos testemunhos diretos, são muito poucos. Não que houvesse qualquer tipo de reticência em falar sobre o assunto, da sua parte ou da da sua família, nem que houvesse alguma coisa a esquecer. Pelo contrário, não havia muito para recordar. Apenas que era a segunda de duas irmãs, e isso bastava.

Mesmo quando questionados, ninguém tinha muito a declarar. «Nunca deu problemas» era o resumo do pouco que tinham a dizer sobre ela. Existia e pronto, estava dentro de uma espécie de impasse temporal, em que o tempo não era uma variável, não produzia mudanças significativas. A poliomielite nunca foi mencionada, ou não de forma a ficar gravada. A atrofia muscular estava dentro das calças, pela parte que me tocava. Aparecia na praia, de fato de banho, ninguém reparava realmente nela, depois desaparecia com a chegada do mês de setembro.

São poucos os testemunhos diretos da sua vida antes do casamento. Um vem do meu pai e é, mais uma vez, um complemento à imagem de si mesmo que ele queria transmitir. Tem que ver com a maneira como dispensou a rapariga com quem namorava na altura e que o apanhou

em flagrante com a minha mãe. A frase que então profereu, e que depois orgulhosamente me citou como sendo um bom legado para o filho varão, permitiu-lhe não ficar mal à frente da minha mãe e não ter de pedir desculpa à pobre mulher.

A frase não vale a pena relatar, mas o contexto é o único em que a minha mãe aparece em rapariga. Não há mais nada que me tenha sido relatado, nem a reação da pessoa traída, nem a da minha mãe, quando ele lhe disse que ela era a escolhida. Não sei dizer se a minha mãe saberia da outra rapariga, do mesmo modo que a outra não sabia dela.

Outro testemunho é da mãe da minha mãe, que soltava retalhos de memória, ou pistas, a cada crise familiar. Trata-se, mais uma vez, das fases iniciais da relação com o meu pai. A minha mãe sai para chegar à paragem do autocarro e de lá ir ao encontro dele. Tem um grande despertador de quarto na mão, circular, o tiquetaque perceptível, à noite, por toda a casa. Ou pelo menos assim imaginava a minha avó, acompanhando a história com as mãos, gesticulando a desproporção daquele ato. Ou assim imagino eu.

A razão para tal gesto, esteticamente tão relevante e globalmente ridículo, é que, pelos vistos, não conseguiu encontrar o relógio de pulso e teve medo de se atrasar para o encontro. Ou seja, ela temia a reação violenta do meu pai se não aparecesse a tempo.

A minha mãe, de dezassete ou dezoito anos, que atravessa Roma de autocarro com um grande despertador noturno na mão, é o último vestígio que tenho dela antes de a conhecer, não muitos anos mais tarde, quando venho ao mundo às três da manhã de um dia de primavera,

num hospital romano. Esta imagem é altamente simbólica. Mas de quê? A interpretação da sua mãe, quando me contou isto, era a de uma submissão ditada pelo medo. Concentrou-se na atitude da filha, e não no elemento visual da cena.

Não teve em consideração o aparelho, o relógio de quarto que ela levava atrás. Ou seja, não teve em consideração, na sua análise, que a minha mãe poderia não ter, de facto, medo do meu pai. Que poderia não sentir nada, ou nada atribuível ao medo e que, pelo contrário, o meu pai agisse como um ativador temporal, capaz de arrebatá-lo do impasse em que ela vivia, em que não havia nada para declarar ou lembrar. Esse tempo far-se-ia sentir.

Ou seja, que a encenação da ameaça e da reação fosse uma função social, a vida concreta, que, pelo menos, era mais do que nada.

4.

Se nunca escrevi sobre a minha mãe, nem nunca tive um pensamento sobre ela, é porque, para o fazer, ela tem de estar apartada do meu pai. Isso envolve uma operação delicada, requer uma atitude cirúrgica específica, uma frieza da mão. Exige lentidão e precisão, um bisturi gramatical. Ou seja, apontar palavras para as partes que ainda não foram comprometidas. Identificá-las, isolá-las do resto e, em seguida, fazer a incisão, magoar com precisão.

Apartar a minha mãe do meu pai significa, literalmente, tirá-la da invasão com que a figura do meu pai se impôs sistematicamente no nosso imaginário, queimando a nossa retina com o maçarico da autoafirmação da vítima e assim comprometendo irremediavelmente a visão. Ou seja, deixando no escuro tudo aquilo que ele não era. Em primeiro lugar, ela, já predisposta a desaparecer. Se há piedade filial em mim é a implacabilidade desta tentativa de subtração das trevas, o ato cruel de trazê-la à luz plena.

Apartar a minha mãe do meu pai equivale, portanto, a extraí-la dessa escuridão para a tornar, para todos os efeitos, a personagem de um romance. Por esta razão, também posso dizer, nunca escrevi um romance. Um dispositivo que dá corpo a um universo do qual não fui testemunha direta, a não ser parcialmente. Um dispositivo que produz

factos, pensamentos e até mesmo uma memória nativa completamente diferente, alterada, gerada no ato de escrever. Uma consequência, portanto, mais da invenção do que da recordação. Em que a minha mãe existe independentemente até de si mesma.

A minha mãe aparece sozinha em poucos momentos, os primeiros já na aldeia, na província de Turim, não muito longe da fronteira com a França, para onde nos tínhamos mudado, de Roma, quando eu tinha quatro anos. O facto de essas memórias serem poucas é muito significativo, uma vez que o trabalho dela era ocupar-se de nós durante o dia. O que se traduzia, imagino, em levar-nos à escola, preparar a comida, ajudar-nos nos trabalhos de casa ou, pelo menos, supervisioná-los.

Resta, contudo, muito pouco, a não ser o ato de reportar ao meu pai, à noite, e depois se colocar de lado novamente. Consignar os filhos ao patrão.

Pelo contrário, permanecem os verões na praia. Especialmente a chegada a Roma de manhã, ao alvorecer, depois de uma noite no comboio do Norte, reunidos no assento, com um cobertor em cima, cada um no seu lugar — ou eu e a minha irmã deitados entrelaçados, como o direito e o esquerdo numa caixa de sapatos. Aí, a minha mãe existe, vejo o seu perfil recortado na janela, os vislumbres dos centros habitados, dispostos ao longo do Tirreno. E depois Civitavecchia, quando aparece o sol, e aquele gesto de juntar as coisas.

Não há pressa, naquela preparação para a descida, talvez um pouco a agitação de estar sozinha na liderança. Não há tensão, isso é evidente mesmo à distância. Não sei se ela ri, acho que não, mas se o faz não é a execução de uma ordem do marido. Mas nós rimos e isso é um facto,

porque não temos a sensação de ameaça que aperta a garganta dentro de casa.

Esse relaxamento coincide na minha memória de infância com o fim da escola. O comboio pára em Roma São Pedro, ali estão os pais da minha mãe, à espera na estação, e depois de alguns minutos de carro estamos em casa deles. Fora da janela, na varanda, é Roma. Retirada a figura do meu pai, o mundo é grande: há espaço para edifícios, para o céu e para a minha mãe.

O verão é três meses, antes de a escola recomeçar e de regressarmos ao canto superior esquerdo do mapa. Mas esse espaço em que a minha mãe existe por si própria não dura mais de quatro dias, normalmente menos. Acho que três dias é a duração média da nossa estada em casa dos pais dela. A casa deles — ou seja, a casa da minha mãe — é, de facto, uma zona de passagem entre a nossa e a da praia, em Santa Marinella. No interior há duas pessoas, as últimas deixadas após a saída das filhas. O espaço foi redefinido de tal forma que é o lar de um casal reformado.

Junho acaba de começar, o nosso pai vai juntar-se a nós à praia, de carro, em agosto, geralmente conduz à noite e aparece de manhã em frente ao portão. Pelo meio, há dois meses em que a minha mãe podia existir por si própria, pré-casada. No entanto, esses dois meses são consumidos em três dias.

Ao quarto, a nossa bagagem volta para o *Fiat Ritmo* do meu avô, que depois parte em direção ao litoral. Ainda estou a ver a minha mãe, a conversar com os pais, sentados na frente. A imagem dela sentada atrás, com nós os dois, destaca-se de alguma forma como uma pintura real. O movimento que a mãe dela faz para falar com ela, acomodando-se no assento e depois virando-se quase só

com o pescoço, faz da minha mãe uma filha, e isso é uma prova que só o romance consegue registrar. Juntamente com a outra, horizontal, da nossa condição — a minha irmã, a minha mãe e eu —, a mesma hierarquia no carro, a mesma entrega ao motorista, um outro pai.

Quando o cheiro do mar entra pelas janelas abertas, em Aurelia, o destino está cada vez mais próximo. Há uma casa, e lá dentro está a mãe do meu pai à nossa espera. Descarregamos a bagagem, a mala da minha mãe acaba ao lado da cama de casal, a nossa, no quarto com as duas camas de solteiro.

Os pais da minha mãe passam para almoçar, mas nem sempre. O pai da minha mãe cala-se, como tem estado calado durante a maior parte da viagem, como se cala quase sempre. Não é claro se há uma dissidência no silêncio específico que ele expressa durante a viagem e à mesa do almoço, mesmo que isso transpareça. Perguntar-se-á, por exemplo, porque têm de se despedir já da filha? Gostariam de passar mais tempo com os netos? Ninguém sabe. Muitas vezes expressa-se com um assobio sem sibilo, como uma forma de impaciência. A sua mulher, por outro lado, é mais sociável, ela é, de certa forma, a garante da estrutura patriarcal. Conversa com a comadre, mantém o ar em movimento durante toda a sua presença conjunta. Não há adesão nesse ato. Mas há respeito, se assim se pode dizer, pela tradição. A filha está agora sob o poder do marido, não há muito que discutir, a não ser fazer o que se pode e o que deve ser feito. Acompanhá-la com os filhos à praia, ser cortês. E se houver desagrado, nesse ato de entrega, não há razão, socialmente, para o reivindicar.

Depois do almoço eles vão embora, o tempo que a minha mãe passa com eles também acabou. O seu papel

é devolver-nos, trazer-nos de volta à jurisdição do meu pai, ainda que à revelia. E essa jurisdição começa assim que o *Ritmo* deixa de estar estacionado na estrada.

Ali, a minha mãe desaparece de cena, depois de quatro dias. Aparece antes a mãe do meu pai, que arrendou uma casa com metros quadrados suficientes para nos conter durante três meses. Arrenda-a durante todo o ano, por um preço com desconto, em comparação com os meses de verão apenas. Muda-se de Roma no final de março e deixa-a quando o outono mostra o seu lado irreconciliável com o mar. Instala-se num quarto de serviço, mesmo estando sozinha, enquanto os outros quartos e a sala aguardam a chegada dos netos e da mulher do filho, em junho — e do próprio filho, no início de agosto.

Os dois meses que separam a nossa chegada à praia da do meu pai serão sobretudo um tempo de espera para a minha mãe. Que o meu pai volte, que ele mande notícias, de alguma forma. Que as suas cartas cheguem de casa, em cursivo para si e para nós, crianças, em letras maiúsculas, a cada um a quantidade e o tipo de informação que lhe compete. A minha mãe distribuirá as cartas, depois lerá a sua, creio que à noite, sozinha no quarto. O que é uma espécie de intimidade, ou pelo menos é o que se sente ao escrever esta cena.

Não sei dizer se ela sofria com aquela distância, mas é um facto que, sozinha, não se achava suficiente. Nem connosco, nem sentada na espreguiçadeira, debaixo do guarda-sol, juntamente com os outros veraneantes, nem sob o poder — pese embora com uma delegação não escrita — da mãe do meu pai. Para quem, aliás, perdia também a cozinha como espaço pertinente da casa.

A imagem mais nítida, relacionada com o período de espera, é a sua corrida na praia ao telefone do balneário, enquanto o seu nome ressoa várias vezes no ar, gritado no megafone pela mulher do nadador-salvador ou pelo próprio. A imagem destaca-se pelo gesto atrapalhado, e pela ternura que eu sentia ao ver aquele corpo a correr de fato de banho, com aquela perna mais fina, debaixo do olhar de todos, na areia quente. Era uma corrida de emergência, enquanto o seu nome continuava a soar como uma sirene. O meu pai ligava (acontecía uma vez por verão, geralmente para dizer que chegaria no dia seguinte), e ela de repente deixava tudo o que estava a fazer e corria para o bar, passando pelos chuveiros, pelas escadas.

É impossível para mim, ao rever aquela corrida — eu e minha irmã gozávamos com ela, com uma espécie de constrangimento —, que o seu rosto me passe despercebido, aquele misto entre a apreensão de chegar a tempo para não decepcionar o meu pai e uma espécie de pré-anúncio de que a espera tinha acabado, uma espécie de alívio. Ela poderia desaparecer em breve novamente, voltar aos bastidores do teatro da família. E também aquela outra expressão, mais sofrida, sob o olhar dos banhistas, enquanto corria sempre até ao limite do seu passo para não dar muito nas vistas: correr pela vergonha, sobretudo, para fazer parar — quem quer que fosse o responsável por aquele anúncio grosseiro — de gritar o seu nome no megafone.

Será um filho capaz de abandonar impiedosamente os pais? Virar costas, fechar a porta e não voltar? O que resta dos estilhaços de uma memória familiar?

«Faz dez anos que, nesse dia, vi os meus pais pela última vez. Desde então, mudei de número de telefone, de casa, de continente, construí um muro inexpugnável, coloquei um oceano entre nós. Foram os melhores dez anos da minha vida.»

Algumas famílias sobrevivem — miseravelmente — a um quotidiano de violência, à tensão sempre latente, aos gestos de anulação do outro, à ausência de laços de amor. Outras famílias desfazem-se para sempre. *O aniversário* conta a história de um filho que, para viver a sua própria vida, renuncia à casa dos pais, condena-os ao isolamento e arranca pela raiz quaisquer possibilidades de reencontro ou comunicação. O filho procura na fuga uma hipótese de felicidade: escapa de um pai autoritário e irascível, distancia-se de uma mãe que de tudo abdicou em favor do marido. Este corte profundo deixa um lastro de recordações, falhas e solidão, mas desperta uma sede vital de redescoberta interior. Andrea Bajani, um dos grandes romancistas europeus da atualidade, constrói uma narrativa inquietante: desoladora na sua aridez, sublime na minúcia com que analisa as feridas que não se curam.



«Bajani explora como ninguém os lugares onde nos descobrimos, onde amamos, onde sofremos e onde, por fim, nos tornamos quem somos.»

SANDRO VERONESI

«Afiado como um duelo, pungente como uma despedida.»

ANTONIO SCURATI

«Com um tom implacável e sofisticado, Bajani coloca uma mina sob um retrato de família. E, no seu livro mais verdadeiro, fá-la explodir.»

DONATELLA DI PIETRANTONIO

«A escrita de Bajani tem uma energia irreprímível.»

ENRIQUE VILA-MATAS



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-616-1



9 789895 836161